

# TEMPO HISTÓRICO – COMO TRABALHAR?

## HISTORICAL TIME – HOW TO ADDRESS IT?

*Andrea Helena Petry Rahmeier<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo refletirá sobre a construção do conceito de tempo. Pretende-se tocar nas seguintes questões: O tempo é objetivo, natural e está na natureza? Ou é subjetivo, construído e está na consciência? Quais as relações entre tempo e espaço? Existe somente um tipo de tempo? No processo ensino, a noção de tempo é fundamental, mas como trabalhar isso? Será que os docentes da Educação Infantil, Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental se preocupam com as questões temporais durante o planejamento de suas atividades? A partir de qual faixa etária se deve começar a ter atividades envolvendo a noção de tempo? Então, quais concepções ou atividades são necessárias para a compreensão do tempo histórico?

**Palavras-chave:** Tempo. Planejamento. História.

**ABSTRACT:** This paper will discuss the construction of the concept of time. The following questions are addressed: is time objective, natural, and in nature? Or is it subjective, constructed, and in our consciousness? What are the relations between time and space? Is there only one type of time? The notion of time is fundamental in the teaching process, but how should this be addressed? Do teachers from all levels worry about time issues when they are planning their activities? What is the proper age to introduce activities that involve the notion of time? Thus, which notions or activities are required to understand historical time?

**Keywords:** Time. Planning. History.

### 1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, nas rodas de conversa, nas redes sociais e nos jornais (impressos e televisivos), percebe-se que diversas pessoas estão com dificuldades com noções temporais. Observa-se desde análises de diversos fatos históricos ocorridos em contextos diversos sendo analisados como se todos fossem parte do mesmo momento. Ou analisa-se o que se passou como sendo atual. Ou, ainda, dados atuais como se fossem questões do passado. Por que tudo isso? Difícil apontar os fatores, mas se pode perceber nitidamente que esses indivíduos estão com dificuldades nas noções temporais.

Como proceder para que esse problema seja interrompido? Nada melhor do que refletir sobre o tempo e sobre como trabalhar os conceitos que envolvem esse tema nos diferentes níveis escolares. Muitas vezes, esse assunto é deixado de lado, pois os historiadores só atuam

a partir dos Anos Finais do Ensino Fundamental, e como parte dessa temática precisa ser trabalhada na Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, não ocorre o diálogo. E os professores dessa faixa etária consideram que há muitas outras questões com que se preocupar que vão além da questão temporal. Ou outros têm pouco conhecimento teórico sobre noções temporais, não percebendo a sua importância. Aca-ba por tornar-se um assunto delicado, pois poucos são os profissionais que iniciam e mantêm o diálogo entre professores de níveis educacionais diversos, porque existe o grande medo de que isso seja intervenção na área de conhecimento específico dos colegas de outras áreas.

Todavia, como atuo no Ensino Fundamental há mais de 20 anos, já vi muitas coisas, já presenciei tantas outras. Então, sou uma professora de Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, com formação no anti-

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela PUCRS. Professora da Rede Municipal de São Leopoldo e do Curso de História das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT).

go Magistério e do Ensino Superior em História. No decorrer da minha atuação profissional, pude analisar e observar como era o trabalho com noções temporais tanto como historiadora quanto como professora com formação em educação. A minha caminhada como professora me faz afirmar que as noções temporais precisam ser construídas/trabalhadas de forma sistemática desde a Educação Infantil. Mas como? O presente texto propõe uma reflexão sobre a noção de tempo e como pode ser abordado na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e no primeiro ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

## **2 DEFINIÇÃO DE TEMPO**

Inicialmente, é preciso definir o que é tempo. Conforme alguns teóricos, tempo é a substância da qual todos os seres humanos são feitos. O que isso quer dizer? É complexo explicar. Mas é importante perceber que a natureza tem seu tempo. Pode-se dizer que as mais variadas sociedades se basearam na contagem de diversos movimentos naturais, tais como: os movimentos de diversas esferas celestes (ciclo da lua, do sol, das estrelas, planetas e satélites em torno deles mesmos e em torno uns dos outros, isto é, da rotação, da translação), das estações, da diferença entre dia e noite e tantos outros movimentos da natureza. As diferentes sociedades perceberam a passagem do tempo pela repetição de movimentos cíclicos da natureza. Outra percepção de tempo está na observação de que o ser humano passa por ciclos próprios, isto é, todos nascem, crescem e envelhecem. O corpo expressa a passagem do tempo. A partir da observação desses movimentos, as sociedades foram construindo suas formas de percepção do tempo. As observações realizadas nos tempos passados possibilitaram a criação de calendários, relógios e outros objetos para a contagem do tempo de forma cronológica, como se conhece hoje. Não existem dúvidas de que por um período bem longo pensar em tempo era abordar a história unicamente de forma cronológica.

Muitos consideram que, para entender história e a noção de tempo, era/é suficiente trabalhar com o tempo cronológico, isto é, conhecer datas e memorizá-las seria a principal função da história. Todavia abordar o tempo apenas de forma cronológica não é suficiente para compreender a história, pois o tempo histórico é mais do que o tempo cronológico. Então o que falta? Por acaso, noção de tempo não é a mesma coisa que contagem de tempo? Quer dizer, tempo cronológico não é a única definição de tempo histórico? Acrescentando na reflexão, noções temporais estão baseadas em um único tipo de tempo?

Por muitos anos, para ser mais exato, até a metade do século XX, entendia-se que a noção de tempo histórico resumia-se em trabalhar com datas e acontecimentos, isto é, abordar unicamente a existência do fato histórico ou evento. Todavia, ao trabalhar apenas com essa forma de ensino de história, limita-se a compreensão exclusiva do fato/acontecimento, isto é, analisa-se apenas o tempo do acontecimento. Não se permitem outras abordagens, outras relações, e a compreensão histórica fica limitada exclusivamente a um determinado momento, fato ou evento histórico, não permitindo diversas outras abordagens, como rupturas, permanências, simultaneidades, sucessões, sobreposições, etc.

Em 1958, pela primeira vez, o historiador francês Fernand Braudel (1902-1985), chamou a atenção num artigo para a importância na análise histórica de diferentes temporalidades, possibilitando outras formas de compreensão e reflexão. Naquele momento, diferenciou o tempo do calendário/do fato/do evento, que é linear, de outros tipos de tempo. O historiador teorizou, diferenciou e apresentou três tipos de temporalidades. O tempo do fato e do acontecimento, chamado de tempo de curta duração, que já era conhecido dos seus pares. Acrescentou o tempo das conjunturas, o qual denominou de tempo de média duração. Por fim, o das grandes estruturas, designado de tempo de longa duração. Os dois últimos foram a novidade na abordagem de Braudel. Esse entendia que, para compreender um fato, também era/é fundamental compreender o contexto/conjuntura e a estrutura nos quais o acontecimento estava inserido, quer dizer, toda a análise histórica deveria abordar diferentes durações, podendo haver rupturas, permanências, simultaneidade e sucessões. Com o passar dos anos, novos teóricos foram desenvolvendo e aprofundando essas questões, as quais hoje são comuns no Ensino Superior, principalmente nos cursos das Ciências Humanas. Todavia nem sempre essas concepções estão presentes na Educação Básica (Ensinos Fundamental e Médio).

Nos tempos atuais, século XXI, cada vez mais, historiadores e educadores vêm observando e analisando a importância dessas três concepções de tempo para a compreensão dos acontecimentos históricos. Nesse sentido, no processo ensino torna-se fundamental que os professores se preocupem em trabalhar essas três formas de compreender o tempo. Isto é, os professores precisam assumir outra perspectiva, precisam ir além da história factual, tão comum em muitas realidades escolares, em que as aulas de História giram em torno de decorar fatos e datas. Os alunos precisam muito mais para compreender a história; por isso é preciso criar nos

alunos, aos poucos, as noções de “que tempo é uma categoria mental que não é natural, nem espontânea, nem universal” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 98), e acrescentaria que não tem a mesma duração. Isso porque cada grupo ou pessoa percebe o tempo vivido de uma forma, pois, quando se faz algo de que se gosta, parece que o tempo passa muito rápido. No entanto, quando se faz alguma coisa que é considerada chata ou cansativa, o tempo parece não passar. O mesmo evento/acontecimento pode ser definido de formas diferentes, pois cada pessoa tem a sua forma de perceber o mundo. Por exemplo, para alguns ler pode ser chato e para outros é maravilhoso. Então o tempo pode ser entendido como contraditório, já que o mesmo acontecimento pode ser entendido por alguém ou alguns como a pior ou como a melhor das coisas, ou seja, para uma pessoa ou para algumas pode ser fonte de criação e para outra ou outras como forma de destruição de algo.

Por tudo isso, ensinar história é trabalhar com diversas percepções do tempo, é ir além da noção cronológica, do fato. História é muito mais do que compreender o fato, pois sem uma noção de tempo que envolve contextualidades e estruturas não se tem história; tem-se apenas a reprodução do fato, ação que, na maioria das vezes, é feita de forma fantástica por profissionais de outras áreas, como jornalistas. Esses, sim, têm como seu principal objeto o fato e não todas as concepções temporais que os historiadores abordam.

Todavia, como fazer isso, o que precisa ser alterado? Como compreender essas diversas noções temporais? Ainda antes, precisa-se perceber que as diferentes ações humanas ocorrem de forma desigual em distintos períodos e em diferentes espaços dentro do mesmo período temporal. Para tentar tornar essas diferenças compreensíveis, há um exemplo na realidade brasileira em que os diferentes povos indígenas percebem o tempo e os fatos históricos envolvidos com suas comunidades de um jeito e as populações urbanas de outro. Se a intenção fosse complicar, pode-se dizer que, entre os grupos urbanos e os grupos indígenas, ainda existe uma infinidade de percepções distintas, mas não é esse o enfoque deste artigo. Na tentativa de explicar melhor essas ideias, é necessário detalhar através de uma explanação dos diferentes pontos de vista existentes entre as comunidades indígenas e os grupos urbanos brasileiros. Primeiro precisa-se perguntar: quais os elementos importantes em cada um desses grupos de indivíduos? Pode-se afirmar que todos vivem dentro do mesmo espaço temporal, por exemplo no ano de 2016, e recebem, de alguma forma, as mesmas notícias, pois são brasileiros. Porém esses dois

grupos, os povos indígenas e as populações urbanas, têm uma organização marcada por concepções diferentes de tempo. Para as pessoas que vivem na cidade, o tempo é marcado pelo horário, pelo relógio, tendo um controle rígido das ações e da duração da mesma. Tanto é que, entre a maioria da população urbana, o seu dia a dia é baseado no modelo capitalista, isto é, tempo é dinheiro, pois se recebe pelo tempo que se trabalha e não pelo produto final, além da valorização dos sucessos individuais e não as ações coletivas. Já para as comunidades indígenas brasileiras, a noção de tempo é marcada pelos eventos da natureza, concebem que o importante é o produto final, não se preocupando com a quantidade de horas que levou para a execução do mesmo. Esse grupo humano valoriza mais a ação e preocupa-se mais com a vida em comunidade do que com o sucesso individual. Importa, neste momento, perceber que cada um dos grupos percebe e compreende a noção de tempo de forma diferente. Portanto é fundamental perceber que todos os grupos têm relações com o tempo e é essencial que os alunos sejam levados a perceber essas diferenças na compreensão de temporalidade em diferentes espaços. Caso os alunos não percebam isso, irão analisar todos os fatos sob seu ponto de vista e com sua percepção de tempo. Desse modo, em história é fundamental perceber e conhecer os espaços, as concepções e as características dos períodos históricos para compreender os fatos, contextos/conjunturas e estruturas em estudo. Não perceber as diferentes temporalidades e suas relações com fato, conjuntura e estrutura fará com que os estudantes não compreendam a história em si.

Então, ao pensar em tempo histórico, é fundamental ter em mente que estamos rodeados por diferentes definições temporais e que as percebemos e vivenciamos das mais variadas formas. Um mesmo acontecimento pode ser analisado de diversas temporalidades, dependendo de quais são os objetivos e as necessidades, pois se pode compreender o fato (tempo de curta duração), o contexto em que está inserido o acontecimento (tempo de média duração) e a estrutura em que o mesmo se desenvolveu (tempo de longa duração). Mesmo percebendo essas diferenças de temporalidades, é importante lembrar que, em espaços ou sociedades diferentes, os mesmos acontecimentos têm percepções diferentes.

### **3 COMO TRABALHAR PARA DESENVOLVER NOÇÕES DE DIFERENTES TEMPOS HISTÓRICOS?**

Depois de refletir sobre a importância que o tempo histórico tem, é necessário discutir como construir

essa noção com nossos alunos. Essas temporalidades precisam ser exercitadas. Mas como trabalhar para que os alunos percebam essas noções de tempo? Precisa-se parar e pensar quais as noções de tempo que os alunos já construíram e o que é preciso fazer para que os alunos ampliem a noção de tempo. A noção de tempo precisa ser trabalhada desde a Educação Infantil. A seguir, apresentam-se alguns conceitos com sugestões de como podem ser abordados na Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental e no 6º ano do Ensino Fundamental.

### 3.1 Educação Infantil

Os alunos dessa faixa etária precisam no mínimo compreender a noção de tempo referente aos seguintes conceitos: manhã, tarde e noite; noite e dia; antes, agora, depois; ontem, hoje e amanhã; dias frios, dias quentes; ano passado, este ano, ano que vem; passado, presente e futuro. Esses conceitos trabalham com a ideia de tempo cronológico, mas com pitadas de concepções temporais conjunturais; isso é trabalhar com noções mais abrangentes que um fato em si, como a comparação entre tempos diferentes, como o caso de dias frios e dias quentes. O ideal seria que essas noções fossem construídas na Educação Infantil, mas caso os alunos ainda não tenham ao ingressar no primeiro ano, é preciso que o professor se preocupe em abordar isso também.

Todavia, como trabalhar com esses conceitos nessa fase da vida? O que e como trabalhar com os alunos da Educação Infantil? Existem diversas formas de trabalhar essas noções, então, a fim de auxiliar na reflexão para ampliar o processo de construção da noção de tempo, são feitas algumas sugestões, construídas no decorrer de 22 anos de trabalho com o Ensino Fundamental. Nesse período, por inúmeras vezes, foram feitos diversos debates com professores que atenderam os alunos que chegavam aos anos finais, além de participar e fazer formações abordando esse tema. Para fins de melhor compreensão, optou-se por apresentar o assunto e, logo a seguir, sugestões de formas de como pode ser desenvolvido o trabalho:

- Manhã, tarde e noite – pode ser trabalhado com a própria rotina das crianças, ou seja, fixar os conceitos

refletindo sobre a rotina. Se a aula for em turno integral, manhã é quando se chega à escola e tarde é quando se vai para casa. Mas, caso seja escola de um único turno, trabalhar com o que é antes e depois do almoço, quando é a hora do sono.

- Dias frios e dias quentes – pode ser abordado através de cartazes ou flanelógrafo criados a partir do tipo de roupa que se usa no inverno e no verão, isto é, dias que precisamos de muitas roupas ou poucas roupas; de experimentos feitos em dias quentes e muito frios: tipos de água (gelada e quente); tipo de cobertura para o soninho nos diversos períodos do ano; necessidade de usar ventilador ou aquecedor.

- Ontem, hoje e amanhã – através de perguntas constantes sobre fotos, comida, atividades feitas em cada um desses dias.

- Antes, agora e depois – trabalhar exercitando as crianças a explicitar sua rotina na alimentação, nas atividades diárias e na semana. Ou, como a ilustração a seguir mostra, observar os tamanhos de antes (nascer), agora (atual) e que poderá chegar quando crescer. Esse foi um experimento muito interessante feito por alunos de quatro anos. Todos os alunos se mediram, e foi tirado da carteirinha de vacinação o tamanho ao nascer; com isso fizeram comparativos (ilustração 1).



Ilustração 1 – Cartaz com o tamanho das crianças. Fonte: Arquivo pessoal.

- Noite e dia – tema que pode ser abordado, onde as crianças ficam durante o dia (na escola) e durante a noite (com os pais). Também pode ser visto com eles, através da entrevista com os pais ou na certidão de nascimento, quem nasceu de dia ou de noite, como segue um cartaz feito por alunos de cinco anos com sua professora (ilustração 2). Interessante aqui que, além disso, cada uma se identificou com um desenho.

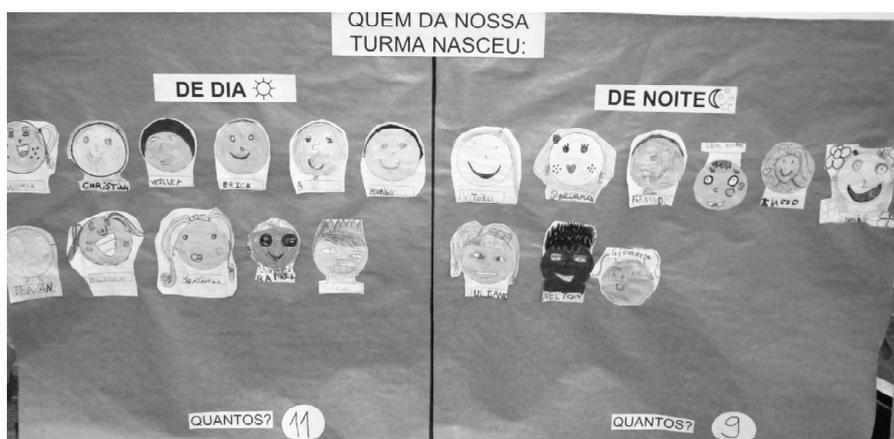


Ilustração 2 – Cartaz com o turno em que cada criança da turma nasceu.

Fonte: Arquivo pessoal.

- Anos – trabalhar com fotos, percebendo que todos ficam mais velhos e mudam suas feições, ou com roupas antigas, mostrando também o crescimento. Também, se for possível, solicitar uma foto de cada ano e criar cartazes como o que segue (ilustração 3).



Ilustração 3 – Cartaz com fotos de cada ano da vida de cada aluno, turma de infantil 4 (alunos de cinco anos).

Fonte: Arquivo pessoal.

- Ano passado, este ano, ano que vem – conceitos que podem ser abordados no fim do ano através de desenhos ou fotos, lembrando as professoras do ano passado, deste ano e do próximo ano. Ou, ainda, desenhar as salas do ano passado, deste ano e da possível do próximo ano. Quer dizer, trabalhar com a memória dos alunos ou outras formas atividades com essas diferenças.

- Passado, presente e futuro – as fotos podem ser uma grande aliada para abordar esses conceitos, principalmente se forem das professoras ou de familiares.

- Dados pessoais – trabalhar com o nome dos alunos, seu significado e origem. Além disso, explorar a idade e o aniversário de cada aluno.

Ao observar as atividades sugeridas, percebe-se que em todas elas se está abordando noções de tempo.

Todavia o tempo está sendo trabalhado com noções mais amplas do que a cronologia sequencial de um único fato. O aluno dessa faixa etária não tem condições de trabalhar datas sequenciais, pois, a princípio, ainda não construiu a noção numérica. Sendo assim, essas atividades na Educação Infantil pretendem levar a criança a construir uma noção ampliada de tempo, algumas vezes de forma linear, como nos diversos anos, mas na maior

ria das vezes de forma mais ampla, como dias frios e dias quentes ou passado, presente e futuro. Isto é, além da noção de um acontecimento, a criança da Educação Infantil tem condições de perceber sutilezas, as quais, muitas vezes, levam a percepções profundas da sua própria identidade.

Por que é muito importante abordar tudo isso? Na experiência docente, tive alunos que chegaram no 6<sup>a</sup> ano

e, ao construírem sua linha do tempo, não sabiam se haviam primeiro andado de bicicleta ou caminhado. Outro fato vivenciado nas atividades docentes é o de algumas crianças não aceitarem que seus pais foram um dia uma criança. Se isso ocorrer,

é necessário trabalhar com noções de que todos passamos pelas diferentes fases da vida. Para essa criança faltou ser trabalhada a noção de que todos temos um processo de crescimento que envolve mudanças e que, de certa forma, todos envelhecemos. Somente ao se perceber no mundo, a si mesma e as diferentes temporalidades relacionados com os seus, haverá a possibilidade de construir a noção do tempo histórico e daí sim desenvolver o pensamento histórico, principal atividade, função e razão do ensino de História nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Numa rápida análise dos exemplos das dificuldades temporais apresentadas, conclui-se que esses tiveram problemas na construção mental da própria vida e dos conceitos. Logo percebe-se que para esse aluno era fundamental processar e abstrair a compreensão da noção de tempo referente à sua própria vida, para depois poder pensar o processo de compreensão da noção de tempo histórica desenvolvida dentro da sala de aula a partir do 6<sup>a</sup> ano.

### 3.2 Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Nos Anos Iniciais, as noções temporais, principalmente em função de todo o conteúdo específico desenvolvido nesses anos, abordam de um modo geral as noções temporais que envolvem contagem de tempo, como a existente em calendários, representada pela sequência de fatos no decorrer dos anos. Isto é, trabalha-se mais com a noção linear de tempo. Todavia, nesse mesmo período de aprendizagem, é muito importante retomar os conceitos já desenvolvidos na Educação Infantil, pois ainda persistem alguns alunos que apresentam dificuldades nesses. Além disso, há tantas crianças cuja vida escolar inicia no Ensino Fundamental. É es-

que os alunos possam abordar as conjunturas ou estruturas históricas, ampliar as noções temporais.

### 3.3 Anos Finais do Ensino Fundamental

A partir do 6º ano do Ensino Fundamental, espera-se que os alunos compreendam os conceitos apresentados neste artigo, bem como tantos outros que abordam noções temporais. Além disso, espera-se que tenha sido possibilitada a observação de diversas sociedades no tempo e no espaço. Se isso aconteceu, os estudantes terão os elementos necessários para a leitura e interpretação das imagens a seguir (ilustração 4).

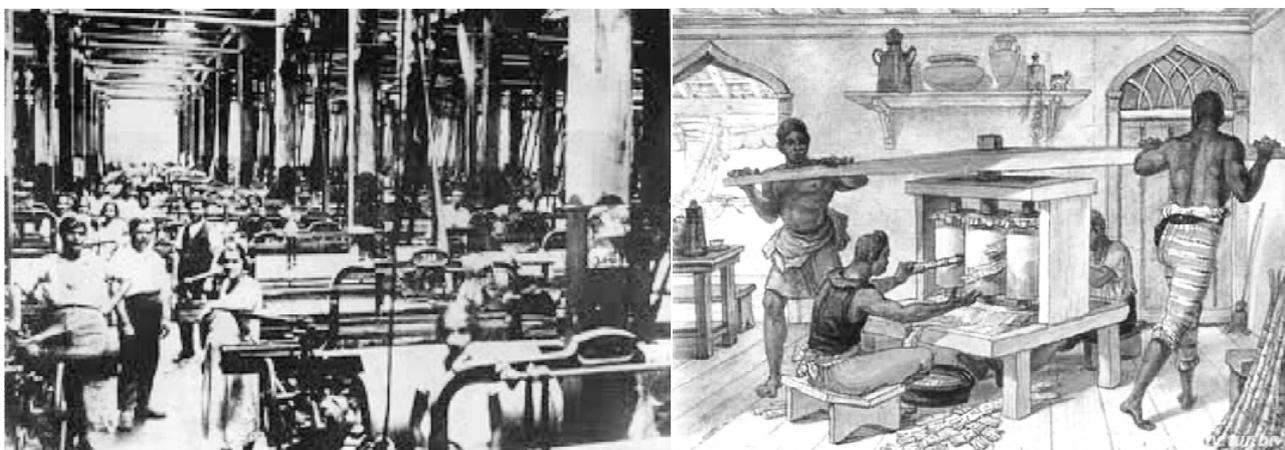


Ilustração 4 – Trabalho. Fonte: PINSKY, 2012, p. 114 e 115.

sencial perceber que as questões envolvendo o tempo vão além da compreensão do tempo linear, pois é preciso perceber que a história envolve mais do que a passagem do tempo, que apresenta características diferentes, que tem permanências, simultaneidades e tantas outras características. Além da necessidade de conhecer povos e culturas diferentes, para iniciar a observação de que existem outras manifestações culturais e históricas, tanto perto deles como distantes. Hoje, a internet possibilita-nos obter dados de forma rápida de diversos povos, tanto com texto como com imagens.

Compreender as noções de tempo linear e conhecer algumas manifestações culturais de diferentes povos vai possibilitar a preparação para que, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, possam ser trabalhados os fatos/contextos/conjunturas históricas, isto é, a história deixar de ser percebida como apenas momento de relatos de fatos isolados. Em outras palavras, todo o trabalho com o tempo na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental dará a base conceitual para

Muitos professores esperam que os alunos nos Anos Finais do Ensino Fundamental tenham as habilidades e as competências para perceber que existem diferentes temporalidades presentes nas imagens apresentadas. Como, por exemplo, perceber que as duas fotos (ilustração 4) tratam da temática do trabalho, mas em tempos diferentes, em contextos históricos diversos. Mesmo sem precisar detalhar anos, isto é, o fato, elas poderão perceber que se trata de contextos específicos, como escravidão e início do processo de industrialização, pelo menos é o que se espera de alunos do 6ª ano, conforme estudos de Elza Nadai e Circe Bittencourt (2012).

Entretanto é muito comum que os alunos não consigam compreender que existem diferenças de temporalidades. Quando isso acontecer, precisa-se propor um trabalho focado nas concepções temporais dos alunos. Nesse caso, é fundamental que o professor foque em formas de como ajudar os alunos a construir noções de tempo para compreender essas diferenças. Caso o professor continue seu trabalho e não aborde questões

temporais com os alunos, esses terão muitas dificuldades para compreender os contextos e as conjunturas históricas, sem falar nas diferentes estruturas.

Uma das opções seria trabalhar com as histórias de vida de cada aluno. Esse trabalho possibilita a pesquisa em fontes orais (familiares), visuais (fotos) e escritas (documentos), levando o aluno a perceber-se como historiador de sua própria vida e visualizando essas diferenças históricas para poder depois perceber o mundo ao seu redor. Nesse processo, com intervenção do professor, o aluno poderá perceber que existe o fato (tempo de curta duração), por exemplo, seu nascimento, além de conjunturas (tempo de média duração), como, por exemplo, um processo de separação dos pais, ou a perda de um emprego, ou até o período escolar. Tudo isso vai além de uma data, abarcando um período que até pode ter seu início e fim delimitado, mas que nem sempre tem um marco certo. Também é possível trabalhar com a elaboração da linha do tempo de sua vida, mas é preciso perceber que essa atividade será apenas uma síntese e não pode ser o único trabalho com esses alunos. Todavia, em algumas realidades, é muito complicado trabalhar com a história pessoal, pois alguns alunos não têm nada para apresentar, ninguém que possa relatar algo da sua vida, porque estão em situação de vulnerabilidade social. O professor precisa avaliar se uma atividade não vai gerar sofrimento desnecessário para os alunos.

Uma outra opção, em casos de vulnerabilidade social e famílias desestruturadas, é solicitar que cada aluno traga um objeto histórico da sua família. Nesse momento, vai ser importante definir o que é objeto histórico, pois, para muitos, o objeto histórico é só o que está em museus. Depois de definido, é interessante fazê-los refletir sobre o objeto e pesquisar junto aos familiares a importância sentimental e histórica, o período de cada objeto, a quem pertenceu, em qual contexto foi utilizado, e outras perguntas que possam gerar. Perceber que cada indivíduo produz história e também tem diversos objetos que fizeram história. Atividade muito interessante para os alunos. Os exemplos explorados a seguir são objetos trazidos para a aula durante o ano de 2013 por alunos do sexto ano (ilustração 5). Primeiramente, os alunos apresentavam oralmente aos colegas, descrevendo e contando, dependendo do caso, apenas os fatos, os contextos e/ou em que estruturas estavam inseridos. Outros, de forma tranquila, conseguiram apresentar mais do que uma temporalidade. De forma oral, eles apresentaram os objetos em sua relação com os tempos de curta, média e longa duração; em alguns casos, para haver a relação com diferentes temporalidades foi

necessária a intervenção da professora. Dependendo da realidade, nem todos os alunos trarão objetos, mas os que trouxeram com certeza enriquecerão a atividade. As fotos que seguem (ilustração 4) caracterizam bem essa realidade, uma vez que cada foto tem os objetos referentes a um sexto ano. Mesmo que a participação tenha sido em torno de cinquenta por cento, a atividade foi um sucesso, pois todos ficaram curiosos com os objetos dos colegas.

Depois da parte oral, é fundamental que sejam elaboradas formas de registrar a atividade. Naquele momento, 2013, foi solicitado que todos redigissem um texto detalhando o que apresentaram, isto é, a história de cada objeto. Os alunos que não trouxeram objetos tiveram que escolher a peça de um colega para fazer o relato. É importante valorizar todos os itens trazidos, não importando o que é, pois aquele objeto de alguma forma tem uma importância para a família ou para quem o trouxe. Também é importante proporcionar aos alunos a percepção de que alguns objetos, como fotos, abordam um único momento a ser lembrado. Já o dinheiro, por exemplo, foi utilizado num período da história que em alguns casos correspondeu a décadas, ou seja, um período de maior duração. Por outro lado, o moedor de café foi usado por séculos. Mesmo que os dois exemplos de moedores trazidos para a aula não fossem tão antigos, é um objeto conhecido por muitas pessoas que viveram no século XIX. Esse é um objeto que esteve no contexto brasileiro desde a monarquia, e algumas pessoas, ainda nos dias de hoje, cultivam o hábito de tomar café passado por esse tipo de moedor.

#### **4 CONCLUINDO**

Por tudo o que foi apresentado, pode-se dizer que cada pessoa compreende o tempo de uma forma diferente, pois depende muito das vivências de cada indivíduo, tornando a abordagem sobre o tempo algo complexo e dinâmico. Todavia, mesmo que se compreenda o tempo de formas diferentes, existem características em comum, que vão além da noção de tempo histórico como sequência dos fatos; isto é, compreender as diferenças nos tempos, saber fazer relações entre diversos contextos, conjunturas e estruturas. Ampliando a noção de tempo, pois com esse olhar exige-se saber durações, simultaneidades, sucessão, permanências e mudanças, abordando conjunturas e estruturas. Compreender isso faz parte de todo o processo de construção temporal essencial na formação humana. Sendo assim, abordar o conceito de tempo exige um trabalho em conjunto de professores da Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino



Ilustração 5 – Objetos dos alunos de 6ª ano, durante o ano de 2013, da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Belchior Goulart.

Fonte: Arquivo pessoal.

Fundamental e de professores de História. Todos esses profissionais preocupando-se com as diferentes concepções de tempo possibilitará construir processos de aprendizagem em que as noções temporais de curta, média e longa duração serão compreendidas com mais facilidade. Isto é, será possível fazer construções do fato, do contexto/ conjuntura e das estruturas envolvidas nos as-

suntos desenvolvidos em aula, possibilitando ao estudante ferramentas para fazer análises históricas, isto é, deixar de apresentar uma interpretação linear dos acontecimentos.

Nesse sentido, a frase tão utilizada em filmes, congressos, textos e livros, “Quanto tempo o tempo tem!”, expressa toda a complexidade de trabalhar com

as diferentes noções temporais, de vital importância na percepção e compreensão do mundo.

Ou seja:

O tempo aparece sob o signo do paradoxo: ser e não ser, nascer e morrer, aparecer e desaparecer, criação e destruição, fixidez e mobilidade, estabilidade e mudança, devir e eternidade. Sob o signo da contradição, do ser e do nada, o tempo parece inapreensível. Ele é descrito de modo contraditório: a pior e a melhor das coisas, fonte da criação, da verdade e da vida e portador da destruição, do esquecimento e da morte. Ele engendra e inova e faz perecer e arruína. Ele é pai e destruidor de todas as coisas, origem e fim, a sua passagem é aflitiva (“isto não vai acabar nunca?”) e consoladora (“vai passar!”). Ele não é apreensível, pois invisível, intocável, impalpável, mas pode ser “percebido” (REIS, 2011).

## REFERÊNCIAS

- ABUD, Katia. **Ensino de história**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.
- FERREIRA, Marieta; FRANCO, Renato. **Aprendendo história: reflexão e ensino**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- REIS, J. C. O tempo histórico como representação intelectual?. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 8, n. 2, maio/ago. 2011. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br>. Acesso em: 30 jun. 2016.
- ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de; ZAMBONI, Ernesta. **Quanto tempo o tempo tem**. Campinas: Alínea, 2003.
- KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- NADAI, Elza; BITTENCOURT, Circe. Repensando a noção de tempo histórico no ensino. In: PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino da história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 93-113.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. A construção de noções de tempo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Ensinar história**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009. p. 97-110.